



B1

ISSN: 2595-1661

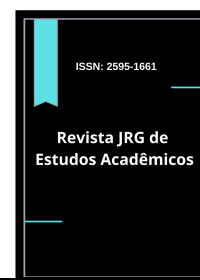
ARTIGO DE REVISÃO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

## Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



### Além das palavras: esquizoanálise da violência discursiva contra professoras

Beyond Words: Schizoanalysis of Discursive Violence Against Female Teachers

DOI: 10.55892/jrg.v7i14.1182

ARK: 57118/JRG.v7i14.1182

Recebido: 18/04/2024 | Aceito: 11/06/2024 | Publicado *on-line*: 12/06/2024

#### Antônio Adônnis Sátiro de Souza<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-7147-8093>

<http://lattes.cnpq.br/3701750444824795>

Must University, Flórida, USA.

E-mail: [esp.satiro@gmail.com](mailto:esp.satiro@gmail.com)

#### Mairy Aparecida Pereira Soares Ribeiro<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-5571-7154>

<http://lattes.cnpq.br/9493269932458337>

Universidade Católica de Brasília, UCB/DF, Brasil

E-mail: [mairyribeiro@hotmail.com](mailto:mairyribeiro@hotmail.com)



### Resumo

Este artigo explora o processo de subjetivação sob a perspectiva da Psicologia da Diferença - Esquizoanálise, fundamentado nas teorias de Gilles Deleuze e Felix Guattari. O estudo busca compreender como a violência discursiva afeta a prática docente, especialmente entre as professoras, e como ela reflete as culturas históricas que permeiam as relações entre professores e alunos. A pesquisa é de natureza qualitativa quanto aos objetivos e utiliza a análise do discurso comunicacional para examinar um incidente ocorrido em um Centro de Educação de Tempo Integral na periferia de Goiânia a partir de um discurso de comunicação violenta por parte de um estudante. O incidente envolveu um aluno do 7º ano e uma professora e teve um impacto perturbador não apenas na professora visada, mas também na estrutura escolar, provocando mudanças de horários, substituição de professores e intervenções de pais e do Conselho Tutelar. O estudo destaca que a escola, localizada em uma área de vulnerabilidade social que já enfrentava desafios como desigualdades socioeconômicas e violência comunitária, reflete um microcosmo das tensões sociais mais amplas da região. A análise do incidente fornece insights valiosos sobre a interação entre a violência discursiva e a prática docente em contextos desafiadores, buscando explicar que a comunicação é uma característica inerente ao ser humano, existente em todas as interações sociais, incluindo as formas de organização institucional e econômica que está integrada aos processos produtivos e se concretiza principalmente através da linguagem verbal e que esta é resultante de vários aspectos que envolvem as condições de poder.

<sup>1</sup> Possui graduação em Pedagogia e Filosofia pela UNIMES/SP. Graduação em Ciências Sociais ETEP/SP. Especialização em Alfabetização, Letramento e Educação Infantil, Especialização em Psicopedagogia e Educação a Distância. Master of Science in Emergent Technologies in Education pela MUST University, Flórida. Mestre em Educação UNICID/SP.

<sup>2</sup> Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Goiás, graduação em Letras-Libras/ UFG, Especialização em Língua Portuguesa: Ensino de Literatura. Especialização em Letramento Informacional. Mestrado em Educação pela PUC Goiás. Doutorado em Psicologia-UCB-Brasília.

**Palavras-chave:** Discurso de poder. Colonialidade. Violência verbal. Violência contra professoras.

### **Abstract**

*This article explores the process of subjectivation from the perspective of the Psychology of Difference - Schizoanalysis, drawing on the theories of Gilles Deleuze and Felix Guattari. The study aims to understand how discursive violence impacts teaching practice, particularly among female teachers, and how it mirrors the historical cultures that permeate relationships between teachers and students. The research, qualitative in nature, employs communication discourse analysis to examine an incident that transpired in a Full-Time Education Center on the outskirts of Goiânia, which was instigated by a student's violent communication speech. The incident, involving a 7th-year student and a teacher, had a profound impact not only on the targeted teacher but also on the school structure, leading to changes in schedules, teacher replacements, and interventions from parents and the Guardianship Council. The study underscores that the school, situated in an area of social vulnerability already grappling with challenges such as socioeconomic inequalities and community violence, is a microcosm of the region's broader social tensions. The analysis of the incident offers valuable insights into the interplay between discursive violence and teaching practice in challenging contexts, positing that communication is an inherent human characteristic present in all social interactions, including institutional and economic forms of organization. It further argues that communication is integrated into productive processes, primarily achieved through verbal language, and is shaped by various aspects involving power dynamics.*

**Keywords:** Discourse of power. Coloniality. Verbal violence. Violence against teachers.

## **1. Introdução**

A subjetividade humana, em sua complexidade e multiplicidade, tem sido objeto de estudo em diversas disciplinas. No campo da Psicologia da Diferença - Esquizoanálise, as teorias de Gilles Deleuze e Félix Guattari oferecem uma lente para explorar este fenômeno. As contribuições da Sociologia para o mesmo fenômeno analisam a reprodução sistemática e colonial que perdurou por vários séculos sendo estudada por vários autores e que cada vez mais se acentua em um cenário de demonstração de força e autoridade na sociedade contemporânea.

Este artigo se propõe a investigar o processo de subjetivação, com um foco particular na forma como a violência discursiva impacta na prática docente, em formato de simples discordância em contextos educacionais, se tornando um tema de grande relevância que afeta não apenas os indivíduos envolvidos na discussão, mas para além disso, reflete e perpetua as culturas históricas que permeiam as relações entre professores e alunos. Este estudo busca compreender essas dinâmicas, com um foco particular nas experiências das professoras.

A pesquisa é de natureza qualitativa e utiliza a análise do discurso comunicacional como método. O estudo se concentra em um incidente específico ocorrido em um Centro de Educação de Tempo Integral na periferia de Goiânia que envolveu um aluno do 7º ano do Ensino Fundamental e uma professora e teve um impacto significativo não apenas na sua carreira profissional, mas também na estrutura escolar como um todo.

Este artigo não busca apenas analisar este incidente em detalhe, mas também situá-lo dentro do contexto mais amplo da escola e da comunidade em que está inserido. A escola, localizada em uma área de vulnerabilidade social e já enfrentando desafios como desigualdades socioeconômicas e violência comunitária, serve como um microcosmo das tensões sociais mais amplas da região e que por conseguinte pode, ocasionalmente ter realidade muito próxima a outros centros urbanos no país.

Através desta análise, o artigo busca fornecer insights sobre a interação entre a violência discursiva e a prática docente em contextos desafiadores de buscar explicar que a comunicação, uma característica inerente ao ser humano, é um elemento crucial em todas as interações sociais, incluindo as formas de organização institucional e econômica. Esta comunicação, que está integrada aos processos produtivos e se concretiza principalmente através da linguagem verbal, é influenciada por vários aspectos que envolvem as condições de poder.

Ao explorar estas questões, este artigo objetiva contribuir para uma compreensão mais profunda do impacto da violência discursiva na prática docente em particular ao gênero feminino, além de fornecer propostas para abordagens mais eficazes de prevenção e intervenção.

## 2. Metodologia

Para a elaboração deste trabalho serão utilizados três elementos que darão por fim condição de construir o lógica da pesquisa, quais sejam: fato, o discurso e as [diversas] possibilidades de condições sociais que ensejam na explicitação da violência e seu combate. Estes elementos serão fundamentais para a definição dos métodos a serem utilizados.

A pesquisa bibliográfica tem o caráter qualitativo definida por Gil (2002, p. 44), pois é “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científico” e utilizará por conseguinte a pesquisa-ação (Lakatos, 2021, p. 93), pois “considera-se que o sujeito da investigação tem capacidade de ação e poder transformador”, e por entender que a pesquisa realizada com ação participativa é cada vez mais utilizada pelos pesquisadores nas Ciências Sociais e na Psicologia do mesmo modo que se estende à Sociologia e Educação.

Será construída uma investigação a partir do método compreensivo em Weber (1864-1920) que busca, “compreender e interpretar o sentido, o desenvolvimento e os efeitos da conduta de um ou mais indivíduos referida à um outro ou outros - ou seja, da ação social, não se opondo a julgar a validade de tais atos, nem a compreender o agente enquanto pessoa” (Quintaneiro, 2019, p. 114).

A análise e discussão dos dados dar-se-á no detalhamento do cada uma das principais abordagens e seus achados, baseados em seus respectivos teóricos, dando ênfase a essência da discussão desse trabalho discutido por Claudia Costa (2012) que contextualiza Quijano (2005), acerca da distinção da colonialidade de poder e de gênero, uma vez que é reforçada pelo autor a subordinação da mulher como submissa ao homem em uma perspectiva colonial que remonta ao século XVI.

Sendo pois, a raça humana o gênero da qual a mulher é a espécie, um instrumento de perpetuação do patriarcado e do preconceito e para esta abordagem recorre-se aos préstimos de caráter interpretativo da Sociologia ao utilizar o método compreensivo (Weber, 1989) que consiste na análise da ação social para compreender o fato.

### 3. O fato descrito: O incidente

Em uma aula específica, em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental, de uma escola da região periférica da cidade de Goiânia, foi observado um desacordo entre um aluno e uma professora. Este desacordo de ponto de vista, evoluiu para um confronto verbal. Por ocasião do confronto, o aluno se excedeu ao que seria uma discussão comum entre professora e aluno e proferiu ameaças de morte contra a professora. Este evento não foi um incidente isolado, mas sim o ápice, pois este aluno já colecionava de uma série de comportamentos disruptivos e desrespeitosos para com esta professora. A escola já observava o que o estudante em questão apresentava durante o último ano, comportamento diferenciado em relação aos professores e professoras, demonstrando maior agressividade com estas últimas.

Após o incidente, a professora visivelmente abalada procurou a coordenação pedagógica para relatar o fato e pedir providências por temer que este fato tomasse outras proporções. Como resposta, a escola realocou temporariamente a professora para outra turma, acionou o Conselho Tutelar e organizou reuniões com os pais do aluno. Foi relatado um clima de tensão e insegurança na escola por professores e funcionários enquanto alguns pais defenderam o aluno, alegando que tudo não passava de um mal-entendido.

O incidente provocou uma série de mudanças na rotina escolar e com isso apresentou consequências significativas, que incluíram a reorganização dos horários, a implementação de workshops sobre respeito e convivência, discussões a respeito da comunicação não-violenta. A longo prazo, a escola iniciou um projeto de mediação de conflitos, com o objetivo de melhorar a comunicação entre alunos e professores.

Após a narrativa do fato é possível propor a conexão teórica com o incidente a partir da Subjetivação e Poder. Quando se utiliza os conceitos de Deleuze e Guattari (ano), o incidente pode ser analisado como um agenciamento no qual o discurso violento do aluno atua como um vetor de força que afeta a subjetivação da professora e do próprio aluno. O poder não está apenas na autoridade da professora ou na instituição escolar, mas circula através das relações, constituindo as identidades e comportamentos dos envolvidos.

Nessa perspectiva a performatividade de gênero, pode conotar a ideia de superioridade do aluno no imaginário coletivo de que ser do sexo masculino lhe coloca em posição de autoridade para o desacato. O comportamento diferenciado do aluno em relação às professoras versus aos professores exemplifica a essa performance de gênero de Butler, onde a agressão pode ser vista como um ato próprio do gênero superior e que reforçam a narrativa de 'gênero dominante', o que faz com que a violência de gênero se perpetue.

A ideia da colonialidade do poder, por sua vez, refere-se às formas de poder e dominação que persistem mesmo após o fim formal do colonialismo (Quijano, 2005) e assim reflete a colonialidade de gênero discutida por Claudia Costa (2012), em que as estruturas de poder patriarcal e heteronormativo estão imbricadas na violência discursiva. A reação dos pais e da comunidade escolar revela como essas normas são socialmente reproduzidas e contestadas em uma narrativa vazia, que faz parte do inconsciente coletivo<sup>3</sup>.

Este pensamento de que o masculino pode levantar o tom de voz para o feminino, por sua vez é um comportamento arraigado nas práticas sociais paternalistas quais a sociedade tem sido submetida, ao defender o poder do homem

<sup>3</sup> O "inconsciente coletivo" de acordo com as ideias de Carl Jung é como um grande armazém de imagens e ideias que herdamos dos nossos antepassados. Mesmo que não nos lembremos dessas imagens e ideias conscientemente, elas influenciam a maneira como reagimos ao mundo, assim como nossos antepassados reagiram.

sobre a mulher que a coloca em situação subalterna. Fato é que o discurso dos pais continua a perpetuar por meio da narrativa colonial de que a mulher é submissa ao homem, e isso sugere que o aluno siga na reprodução desse discurso de ódio que alimenta e reforça esse arquétipo narrativo, por ter crescido ouvindo isso.

Essas concepções normativas são desafiadas por Linda Nicholson (1999), que vê o gênero como distinto, mas não independente do sexo, sugerindo que ambos são interpretados socialmente enquanto Foucault (2014) ressalta que os discursos de gênero estão em constante disputa, controlando e selecionando verdades em uma busca pelo poder discursivo, onde não existe discurso neutro. A verdade emerge discursivamente, refletindo uma interação contínua com o mundo social.

### **3.1 Análise da linha de fuga: o microfascismo**

O ambiente escolar é marcado por tensões e normativas de gênero, tem se tornado palco para microfascismos. Neste ambiente o discurso de ódio do aluno atua como um mecanismo de controle. Entretanto, quando a escola trabalha para dar respostas buscando soluções colaborativas com programas de mediação, esta representa linhas de fuga potenciais que desafiam e reconfiguram as relações de poder estabelecidas.

Através dessa experiência, torna-se evidente o quanto o discurso do aluno reverberou na comunidade escolar a busca e a necessidade da exploração da origem desse comportamento que tende a levantar questões a respeito da codificação dos fluxos dentro do ambiente escolar e como esses fluxos se materializam, influenciando as dinâmicas de poder e da subjetivação.

Observa-se que os modos de falar do pai em relação à companheira podem ter espelhado o comportamento do filho com a professora, sugerindo a transmissão de padrões comportamentais. Curiosamente, o aluno se comportava bem nas aulas dos professores, mas não das professoras, o que sugere a presença de dinâmicas de gênero subjacentes à questão que é compatível com os resultados de estudiosos como Quijano (2005) e Lima e Carneiro (2019).

Esse cenário propicia uma reflexão sobre os processos de subjetivação e como os fluxos operam sobre eles, atualizando-se através de diversas esferas como a política, educacional, religiosa e familiar. A sociedade se manifesta como produto das relações entre pessoas, como fluxos que atravessam e são atravessados por outros fluxos, produzindo novos fluxos a partir de códigos que frequentemente simplificam essa multiplicidade. Essa codificação, como a identidade profissional, é uma forma de estratificar e padronizar os fluxos, restringindo a multiplicidade do movimento.

A codificação do pensamento, por exemplo, reduz a complexidade com que vemos o mundo a modelos simplificados, como o modelo arborescente, em detrimento de um modelo rizomático que valoriza a multiplicidade e a heterogeneidade. A vida, por sua natureza, expressa uma multiplicidade que desafia a categorização fácil e é mais bem representada por um rizoma, ou linhas de fuga.

Nesse contexto, o "eu" subjetivado é visto como multiplicidades, e qualquer tentativa de reduzi-lo às categorias únicas ignora seu caráter inerentemente dinâmico. Portanto, este estudo vem trazer à tona que a eficaz prevenção e enfrentamento da violência escolar requerem um compromisso coletivo para fomentar uma cultura de paz e respeito mútuo, destacando a importância de abordagens multidisciplinares e preventivas na gestão da violência escolar.

Estas evidências são imbricadas no processo de subjetivação através da lente da Esquizoanálise, destacando como a codificação do pensamento simplifica a complexidade do mundo em modelos reducionistas.



A existência, em sua essência intrínseca, exibe uma multiplicidade que desafia a categorização simplista, implicando que a identidade subjetiva engloba múltiplas facetas que são inerentemente dinâmicas. Portanto, a prevenção eficaz e o enfrentamento da violência escolar demandam um compromisso coletivo orientado para a promoção de uma cultura de paz e respeito mútuo, enfatizando a necessidade de abordagens multidisciplinares e preventivas.

### **3.2 O processo de subjetivação**

A partir da observação do comportamento do estudante e dos pais que minimizaram esta violência contra a professora, entende-se como os processos de subjetivação são influenciados por um esquema móvel de forças que normalizam os fluxos de vida através de códigos, levando à estratificação e padronização da existência padrão de uma sociedade.

Tal fenômeno é evidente não apenas em esferas econômicas e políticas, mas também na produção da normalização destes conceitos no direcionamento dos desejos reproduzidos, por uma prática já internalizada, ou seja, o indivíduo passa a reproduzir determinado comportamento ou norma por acreditar que é a coisa certa a se fazer. Isso é herdado através das relações sociais com os indivíduos durante a vida, e esta análise em questão, corrobora com as descobertas sociológicas de Durkheim [1858-1917], (1999), de que a família se torna a instituição social mais presente da formação do indivíduo em um processo de socialização primária. Mais tarde esses estudos são confirmados por autores como Brandura e Huston (1961) com a proposta da imitação de comportamentos sociais no processo de aprendizagem.

Outrossim, o funcionamento psíquico e político, portanto, não podem ser simplificados pela categoria da consciência, questionando simplesmente a prevalência de ideologias extremistas e a representação política conservadora, conforme analisado por Hur (2019), este trabalho explora para além disso, pois visa a estrutura da máquina psíquica dividida entre os polos do extremismo paranoico, associado ao conservadorismo e condutas fascistas, e o polo esquizofrênico, relacionado à liberdade e à fuga.

Tal divisão reflete na governamentalidade que administra a vida e a memória coletivas, promovendo uma divisão entre "nós" e "os outros", e fomentando um ambiente de microfascismos eficazes por sua capacidade de ressoar e se materializar capilarmente entre as pessoas.

Os microfascismos atuam micropoliticamente, propagando uma lógica que é fascista ao tempo que é desumanizadora, responsável por modular os desejos e mobilizar os afetos da população, incentivando sentimentos de medo, ódio e ressentimento, manipulados pelo discurso de comunicação que sai do campo das palavras e entra no campo da violência, pois esse formato de comunicação que embora pareça inocente ou sem intenção traz consigo uma semântica de poder e de intimidação.

Durante a efervescência do movimento pelos direitos civis e a luta contra a segregação racial nos Estados Unidos no início da década de 1960, o psicólogo estadunidense Marshall Rosenberg desempenhava um papel crucial como consultor pedagógico em estabelecimentos de ensino comprometidos com a erradicação da segregação e com isso elaborou o método de comunicação não violenta que fosse capaz de reestabelecer a comunicação que se opusesse aos ditames separatistas.

Essa gestão afetiva no discurso visa reduzir a insegurança e luta contra o desejo de destruição de tudo que é considerado diferente ou externo à lógica do

grupo, frequentemente direcionado contra minorias ou pessoas de gênero considerado mais frágeis, o que por ora se contradiz, na conjuntura de que pessoas habitantes de comunidades periféricas utilizam desse micropoder molecular para garantir o seu espaço de poder (a escola).

O discurso proferido pelo estudante, como uma esfera de utilização da língua, surge a partir de uma atividade humana onde tipos relativamente estáveis de enunciados constituem seus gêneros. Para compreender o discurso, é necessário relacioná-lo ao que ocorre fora dele, mas de maneira discursiva, tratando-o de forma sociológica, ou seja como se coisa material fosse para analisá-lo.

Seguindo Foucault, a análise discursiva visa descrever o que é efetivamente dito do ponto de vista de sua existência, focando nas modalidades de existência e nas condições de existência dos discursos. Ao invés de buscar o significado oculto ou o não-dito, a análise se concentra em como certas declarações surgem e persistem, marcando sua presença e potencial reutilização.

Este artigo intersecciona várias áreas de saberes como – filosofia, teoria crítica, estudos de gênero e educação – para proporcionar uma compreensão holística da violência discursiva em contextos educacionais, a partir dessa interdisciplinaridade, é viável que os debates existentes se unam às teorias de convivência como a comunicação não violenta, para que conceitos teóricos e complexos possam ser aplicados no sentido de analisar e responder a problemas práticos na educação.

Ao aplicar teorias de subjetivação e performatividade de gênero ao estudo de incidentes escolares, contribui para a compreensão dos marcos teóricos utilizados para analisar a violência escolar, incentivando a comunicação não violenta e as boas práticas de comunicação entre comunidade escolar e família.

### **3.3 Contribuição para os debates existentes acerca da educação [decolonial]**

A colonialidade, como um resquício persistente do colonialismo, permeia as instituições sociais incluindo o sistema educacional. Ela se manifesta através de práticas e políticas que marginalizam e subjagam grupos específicos, perpetuando assim a violência e a desigualdade.

A decolonialidade, por outro lado, é um chamado para dismantelar essas estruturas coloniais e reimaginar a educação de uma maneira que seja inclusiva, equitativa e justa. Ela desafia a normatividade eurocêntrica e promove a valorização e inclusão de saberes e práticas de grupos historicamente marginalizados.

Ao introduzir os conceitos de colonialidade e decolonialidade no cenário da violência escolar, aborda-se o debate acerca das práticas educacionais e como podem sofrer interferências dos legados coloniais, ao notar que o comportamento das pessoas nas escolas, é o recorte do que se vivenciou do legado colonial. Este ponto de vista instiga pesquisadores e educadores a reavaliarem os currículos, métodos pedagógicos e políticas educacionais sob a perspectiva de uma crítica decolonial e conseqüentemente se deparar com pontos de vistas que estão nascidos em ambientes carregados da cultura que perpetuou-se na violência colonial, no machismo estrutural caracterizado por uma relação de subordinação e de dominação, que se estende aos gêneros a partir do momento que o homem descobre a força bruta na divisão sexual do trabalho, ou seja na hierarquia das divisões sexuadas de poder (Alves, 2013 apud Hirata, 2002).

Nesse sentido, a violência escolar pode ser vista não apenas como um ato de agressão física ou psicológica, mas também como a perpetuação de práticas e políticas coloniais que marginalizam e oprimem. Portanto, é crucial que os educadores

estejam cientes dessas dinâmicas e trabalhem para desafiar e transformar essas estruturas.

A crítica decolonial nos convida a questionar e reavaliar nossos currículos, métodos pedagógicos e políticas educacionais. Ela nos encoraja a considerar como esses elementos podem estar perpetuando a colonialidade e como podemos reformulá-los para promover a decolonialidade.

Ainda na análise dessa toada do discurso, Michael Foucault nos lembra que as declarações dizem muito mais do que aparentam e que um conjunto de palavras pode gerar múltiplos significados e ações. No entanto, esses diversos significados e possibilidades supõem a existência prévia do enunciado, uma base inalterada que sustenta tanto o que é dito quanto seus diversos modos de enunciação e ações. O enunciado enunciativo, de acordo com Foucault, está intrinsecamente ligado aos códigos culturais que regem práticas sociais e percepções, estabelecendo um primeiro nível de coerência e ordem.

Assim, os códigos fundamentais de uma cultura, que regem a linguagem, percepções, valores e práticas, determinam a experiência da realidade e como ela é interpretada culturalmente. Esses códigos contribuem para a organização dos discursos, selecionando, limitando, transformando e reorganizando-os em diferentes contextos, constituindo o campo da reprodução discursiva, ou seja, discursos sobre discursos. Nesse processo, o discurso fascista proferido por um aluno contra uma professora pode ser visto, segundo Minayo e Souza, (1997) como uma ação intencional que causa danos, necessitando de uma análise que compreenda a linguagem como mediação essencial para o conhecimento científico manifestar-se como discurso.

Foucault esclarece que a linguagem está enraizada não no lado das coisas percebidas, mas na atividade do sujeito, ressaltando a importância de entender a linguagem e o discurso dentro de suas condições de existência e as práticas culturais que os informam. Portanto, o ensaio enfatiza a necessidade de abordar o discurso dentro de um quadro que considere tanto a materialidade do que é dito quanto os contextos culturais e sociais em que emerge e persiste.

Scott (1995) amplia essa discussão ao posicionar o gênero como uma construção social fundamental para as relações sociais, baseadas em diferenças percebidas entre os sexos e repletas de símbolos culturais contraditórios. Da mesma forma, Butler (2012) rejeita a ideia de gênero como uma realidade preexistente, vendo-o como uma estilização repetida do corpo, uma performance que nega a fixidez do gênero como mera expressão do sexo biológico. Este ponto de vista é contrastado com a concepção heteronormativa do sexo e do gênero, que Miskolci (2015) critica por reforçar binaridades de gênero e a heterossexualidade como normas sociais.

A colonialidade, conforme discutida por Claudia Costa (2012) e contextualizada por Aníbal Quijano, distingue entre a colonialidade do poder e a de gênero, com a última sendo subordinada à primeira desde o século XVI. A ideia de raça, como Quijano aponta, se tornou um instrumento duradouro e universal de dominação social, interligado com o domínio intersexual e de gênero. Essa intersecção destaca a persistente influência da colonialidade nas identidades de gênero e nas dinâmicas de poder.



## 4. Resultados e Discussão

Tabela 1. Estrato do estudo

Violência e Poder na Educação	A análise do incidente escolar em Goiânia ressoa com pesquisas contemporâneas em educação que exploram a violência escolar não apenas como atos isolados de indisciplina, mas como manifestações de estruturas de poder mais profundas.
Performatividade de Gênero e Educação	A pesquisa contribuiu para o debate sobre a performatividade de gênero no contexto educacional, um tema amplamente discutido por teóricos como Judith Butler. Ao analisar como a violência discursiva contra a professora reflete normas de gênero arraigadas, o trabalho dialoga com pesquisas que investigam como a escola serve tanto como um espaço de reprodução quanto de resistência a identidades de gênero normativas.
Decolonialidade e Educação	Introduzindo a perspectiva decolonial, especialmente em relação à colonialidade de gênero, o artigo se engaja com um crescente corpo de literatura que critica a universalidade dos modelos pedagógicos e curriculares. As teorias feministas latino-americanas, o trabalho ressalta a importância de abordagens educacionais que reconheçam e valorizem a diversidade cultural e de gênero, contribuindo para o desmantelamento de hierarquias coloniais persistente.
Microfascismos e Resistência em Ambientes Educacionais	O conceito de microfascismos, explorado através da Esquizoanálise de Deleuze e Guattari, oferece um novo prisma para entender a violência escolar. Este ensaio amplia o debate ao sugerir que a resistência a essas forças pode ser cultivada dentro do próprio ambiente escolar, por meio de linhas de fuga que promovem práticas educativas mais inclusivas e emancipatórias.
Performatividade da violência contra a mulher	A complexidade do discurso, particularmente a violência discursiva contra a professora, como uma manifestação de forças fascistas e machistas sob a lente da performatividade, um conceito utilizado por Judith Butler para definir gênero. Butler sugere que o gênero emerge da interação de corpos estilizados, palavras, atos, gestos e desejos, desafiando a estabilidade presumida dos gêneros através da fluidez de identidades, abrindo caminho para a ressignificação e recontextualização do gênero em performance.
Intervenção de um poder moderador	Do ponto de vista prático, a intervenção junto à família, deve originar do Estado, por meio da Escola e os conselhos respectivos, trazendo a conscientização para a convivência e o bom relacionamento. A partir desta abordagem a extensão do trabalho da equipe multidisciplinar deve garantir o diálogo a todos os envolvidos e por conseguinte a tranquilidade à professora que foi vítima da violência, para retomar as suas atividades.
Análise Esquizoanalítica	Assim, a análise deste incidente revela não apenas as forças opressivas em ação, mas também destaca a relevância de explorar espaços para subjetividades nômades e insurgentes, tanto para professores quanto para alunos. Esse enfoque esquizoanalítico oferece uma lente para desvendar a complexidade das interações humanas dentro das instituições e reitera a importância de abordagens que valorizem a fluidez, a resistência e a criação em face das tentativas de codificação e normatização da experiência humana.

Fonte: Elaborada pelos autores

## 5. Considerações Finais

A análise da violência discursiva contra a professora revela camadas profundas de dominação, interligando gênero, poder e colonialidade. O discurso não é apenas um meio de comunicação, mas um campo de batalha onde se disputam significados, identidades e poder, refletindo a complexidade da interação humana e a necessidade de abordagens críticas para desvendar as estruturas subjacentes que moldam nossa realidade.

A colonialidade do poder, abordada por Quijano, sustenta uma noção biológica e binária do sexo, enquadrada dentro de uma visão heterossexual e patriarcal. Esse conceito estabelece o gênero como um controle sobre os sexos, seus recursos e produtos, ilustrando a própria colonialidade de gênero. Tal entendimento nos aproxima de uma perspectiva decolonial, onde as teorias feministas latino-americanas, representadas por sujeitos subalternos/racializados, propõem uma epistemologia que desafia a dicotomia entre centro e periferia, tradição e modernidade, sugerindo que gênero é construído socialmente como um elemento chave nas relações sociais baseadas em diferenças percebidas entre os sexos.

Judith Butler traz essa visão ao argumentar que gênero não é um dado da realidade, mas uma estilização repetida do corpo, onde a performance do corpo sugere uma construção dramática de sentidos, desafiando a ideia de gênero como fixo e biologicamente determinado. A heteronormatividade, reforçada por discursos normativos, delimita lugares rígidos para o ser e fazer, reforçando a ideia de definição identitária através da biologia, e ignorando as complexas relações de poder que constroem o gênero.

Esse processo culmina em um agrupamento molecular autodestrutivo da sociedade, evidenciando a necessidade crítica de abordagens que contestem essas dinâmicas e promovam a inclusão e o respeito mútuo como fundamentos para a construção de comunidades educativas pacíficas e respeitosas, baseando-se em compreensão dos críticos que questionam como práticas educativas reproduzem ou resistem a dinâmicas de poder baseadas em gênero, raça, classe e outras categorias de diferenciação e argumentam a favor de abordagens educacionais que reconhecem e contestam estruturas de pedagógicas que não apenas abordem a violência e a discriminação, mas também promovem uma cultura de respeito mútuo e inclusão.

## Referências

Alves, A. E. S. **Divisão sexual do trabalho: a separação da produção do espaço reprodutivo da família.** Trabalho, Educação e Saúde, v. 11, n. 2, p. 271–289, maio 2013.

Bandura, A.; Huston, A. C. **Identificação como Processo de Aprendizagem Incidental.** O Jornal de Psicologia Anormal e Social, v. 63, p. 311-318, 1961. Disponível em: <<https://doi.org/10.1037/h0040351>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

Barros, S. M. **Realismo crítico e emancipação humana: Contribuições ontológicas e epistemológicas para os estudos críticos do discurso.** Pontes Editores, 2015.

Bento, B. **O que é Transexualidade.** Brasiliense, 2008.

Bhaskar, R. **From Science to Emancipation.** Sage Publications, 2002.

Bortoni-Ricardo, S. M. **O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa** (Estratégias de Ensino, 8). Parábola Editorial, 2008.

Butler, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. 4. ed. Civilização Brasileira, 2012.

Costa, C. de L. **Feminismo e Tradução Cultural: Sobre a colonialidade do gênero e a descolonização do saber**. Portuguese Cultural Studies, v. 4, 2012.

Durkheim, É. **As regras do método sociológico**. Tradução de Walter Solon. Edipro, 2012.

Fairclough, N. **Discurso e mudança social**. Universidade de Brasília, 2001.

Fairclough, N. **Analysing discourse**. Routledge: Taylor & Francis Group, 2003.

Foucault, M. **Microfísica do Poder**. 23. ed. Edições Graal, 1979.

Foucault, M. **As palavras e as coisas**. Tradução de S.T. Muchail. Martins Fontes, 2002.

Foucault, M. **A ordem do discurso: Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24. ed. Loyola, 2014.

Gil, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. Atlas, 2002.

Halliday, M. **An Introduction to Functional Grammar**. Longman, 1989.

Lakatos, Eva M. **Técnicas de Pesquisa**. Grupo GEN, 2021. Disponível em: <<https://app.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788597026610/>>. Acesso em: 24 mar. 2024.

Lima, J. de S.; Carneiro, R. N. **Colonialismo do Saber e Suas Implicações para a Aplicação da Lei nº 10.639/2003 nas Escolas Públicas**. *Revista Contexto & Educação*. v. 34, n. 108, p. 42–56, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.21527/2179-1309.2019.108.42-56>>. Acesso em: 23 mar. 2024.

Lima, T. C. S.; Mito, R. C. T. **Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: A pesquisa bibliográfica**. *Revista Katál.*, v. 10, n. especial, p. 37-45, 2007.

Louro, G. L. **Um corpo estranho: Ensaio sobre sexualidade e teoria Queer**. 2. ed. Autêntica, 2015.

Minayo, M. C. de S.; Souza, E. R. de. **Violência e saúde como um campo interdisciplinar e de ação coletiva**. *História. Ciências. Saúde-Manguinhos*, v. 4, n. 3, p. 513-531, 1998.

Morgan, G. **Paradigmas, metáforas e resolução de quebra-cabeças na teoria das organizações.** In: Caldas, M. P.; Bertero, C. Teoria das organizações, pp. 12-33. Atlas, 2007.

Nicholson, L. **Interpretando o gênero.** *Estudos Feministas*, v. 8, n. 2, 2000.

Quijano, A. **Colonialismo do Poder, Eurocentrismo e América Latina.** *Clacso – Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales*, 2005. Disponível em: <[https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_Quijano.pdf](https://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf)>. Acesso em: 24 mar. 2024.

Quintaneiro, T.; Barbosa, M L. de O.; Oliveira, M. G. M. **Um toque de clássicos: Marx, Durkheim e Weber.** 2. ed. rev. amp. Editora UFMG, 2002.

Richardson, R. J. **Pesquisa social: Métodos e técnicas.** Atlas, 1999.

Rubin, G. **Pensando o sexo: Notas para uma teoria radical das políticas da sexualidade.** Tradução de F.B. Martins Fernandes, Revisão de M. Pillar Grossi. 1975.

Scott, J. **Gênero: Uma categoria útil de análise histórica.** *Educação & Realidade*, v. 20, 1975.

Ternes, J. **Michel Foucault e a idade do homem.** UCG:UFG, 1998.

Weber, Max. **A “objetividade” do conhecimento nas ciências sociais.** In: COHN, Gabriel (org.). *Max Weber.* Ática, 1989. p. 88-93.